

Projeto Educação Ticuna: arte e formação de professores indígenas

Jussara Gomes Gruber

Educadora e assessora da Organização Geral dos Professores
Ticuna Bilíngües (OGPTB). jussaragruber@uol.com.br

O Projeto Educação Ticuna, desenvolvido pela Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües (OGPTB),¹ abrange escolas municipais de aldeias localizadas em uma extensa região a oeste do Estado do Amazonas, fazendo fronteira com o Peru e a Colômbia. Essas escolas distribuem-se nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá e Tonantins,² onde se concentram aproximadamente noventa por cento da população ticuna no Brasil, estimada em cerca de 35 mil pessoas.

Nos seis municípios acima indicados existe um total de 108 escolas ticunas (municipais), nas quais atuam 301 professores. Deste total, 274 dão aulas para turmas de 1^a a 4^a série, sete assumiram classes de 5^a a 8^a série para trabalhar com língua ticuna e artes, e 20 são diretores, supervisores e professores de apoio. A grande maioria (83%) desses professores recebe pelas prefeituras municipais, e os demais são funcionários da Fundação Nacional do Índio (Funai). No município de São Paulo de Olivença houve, recentemente, concurso público específico para todos os professores, com provas elaboradas pela equipe pedagógica da OGPTB. Nos demais municípios apenas uma parte dos professores é concursada. No total dos seis municípios, há 122 professores concursados e 51 vinculados à Funai, indicando que 42,5% dos professores ainda não possuem estabilidade.³

¹ A Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües foi criada em 1986. É uma organização indígena, sem fins lucrativos, com sede na aldeia de Filadélfia, em Benjamin Constant (AM).

² Em relação às escolas do município de Tocantins, cumpre observar que seus professores começaram a participar do Projeto mais recentemente, em 2002. São professores das etnias ticuna, kocama e kaixana que atuam em 11 escolas indígenas. Da mesma forma, em 2002, ingressaram no curso da OGPTB professores kocamas do município de Tabatinga para aperfeiçoarem seus estudos. Assim, o Projeto atualmente abrange outras etnias que habitam a região. Neste artigo, no entanto, estamos considerando apenas os professores e escolas ticunas.

³ Nos municípios de Benjamin Constant, Tabatinga e Amaturá estão previstos concursos para o início de 2003.

O Projeto Educação Ticuna contou ao longo dos anos com apoio e financiamento de diferentes órgãos e instituições,⁴ tendo se estruturado a partir do Curso de Formação de Professores Ticunas, iniciado em 1993. Este curso foi criado por iniciativa dos membros da OGPTB que colocaram como questão fechada a necessidade de uma titulação, ou seja, sair da condição de professor “leigo”. Nessa época, 90% dos professores ticunas não tinham o ensino fundamental completo, e as prefeituras municipais passaram a exigir a habilitação necessária para exercer o magistério, ameaçando-os com demissões e desqualificando o seu trabalho. Diante dessas contínuas pressões, os professores viam num curso com terminalidade a única solução para permanecerem atuando em suas escolas, participarem do quadro profissional, terem garantias e reconhecimento, além de uma remuneração adequada. Ao mesmo tempo, manifestavam um forte desejo de aprender mais, de adquirir um maior domínio do Português, da Matemática, da escrita da língua ticuna, do planejamento das aulas, muitos já conscientes da necessidade de mudar o ensino em suas escolas, até então ainda bastante atrelado aos modelos da escola dos brancos.

Assim, foi preparado um projeto para formação desses professores que incluía os níveis fundamental e médio. O projeto, no entanto, teve de obedecer às exigências dos órgãos estaduais de educação quanto às “grades” de disciplinas e à carga horária, que deveriam estar de acordo com o formato oficial já padronizado. O

⁴ O Projeto Educação Ticuna contou com o apoio das seguintes instituições: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental/Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas; Fundação Nacional do Índio (Funai); Programa Regional de Apoio aos Povos Indígenas da Bacia do Amazonas/Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida)/Corporação Andina de Fomento (CAF); Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança/Programa Crer para Ver; Embaixada Britânica; Universidade do Amazonas; Rainforest Foundation da Áustria; Rainforest Foundation dos Estados Unidos; Ministério da Saúde/Coordenação Nacional de DST/Aids; Fundo para Desenvolvimento dos Povos Indígenas da América Latina e Caribe/Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)/Programa de Cooperação Técnica (Fundo Francês); Ministério do Meio Ambiente/Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama)/Programa Piloto para a Conservação das Florestas Tropicais do Brasil (PPG7)/ProVárzea.

problema das “grades” foi mais fácil de contornar, mas a carga horária muito extensa, se somados os dois cursos, fez com que o projeto se estendesse por um longo tempo, se compararmos o que vem sendo praticado em outros projetos de formação de professores indígenas em outras regiões do País, quer por iniciativas de organizações não-governamentais, quer por secretarias estaduais de educação.

O pedido de reconhecimento dos cursos foi encaminhado ao Conselho Estadual de Educação do Amazonas (CEE-AM), que levou três anos para aprovar a Resolução nº 51/97, autorizando o funcionamento do curso de ensino fundamental (com qualificação para o magistério). A OGPTB continuou por mais quatro anos lutando junto ao CEE para conseguir o reconhecimento do curso de ensino médio, autorizado somente no ano 2000, através da Resolução nº 140/00. Foi, portanto, um longo período de espera e de inseguranças. Embora sem a legalização necessária, a qual permitiria à OGPTB emitir os certificados e diplomas de conclusão, os cursos deram seguimento.

Em 1997, 212 professores concluíram o Ensino Fundamental. Destes, 201 completaram o Ensino Médio entre 2001 e 2002. Neste mesmo período, mais 24 professores, da segunda turma, terminaram o Ensino Fundamental.

Embora esses números sejam expressivos, há uma constante demanda de mais professores nas escolas ticunas. Os cursos receberam continuamente novos participantes, alguns já em sala de aula e contratados pelas prefeituras, e outros candidatos ao cargo de professor, encaminhados por suas comunidades.

Nos últimos anos aumentou significativamente a população de alunos nas escolas ticunas. Tomando-se como referência as escolas municipais da região de abrangência do Projeto Educação Ticuna, havia em 1996, por exemplo, um total de 5.850 alunos nas 87 escolas ticunas existentes na época. Hoje, conforme levantamento de setembro de 2002,⁵ há 8.745 alunos nas classes

⁵ Os dados desse levantamento feito pela OGPTB foram obtidos junto às secretarias municipais de educação e Gerência de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado da Educação do Amazonas.

de 1^a a 4^a série, 1.293 nas turmas de 5^a a 8^a série e 962 em classes de Educação de Jovens e Adultos, atingindo um total de 11 mil alunos, distribuídos em 108 escolas. Em seis anos, praticamente duplicou o número de alunos.

Após essas informações gerais, veremos de que maneira está estruturado o Projeto Educação Ticuna, que engloba todas as atividades educacionais da OGPTB. Como foi dito, esse Projeto mais amplo organizou-se a partir dos cursos de formação com a finalidade de dar um tratamento especial a determinados aspectos que integram a vida e o cotidiano do professor, da escola e da comunidade, entendendo-se que a preparação do educador vai além da carga horária ou do currículo dos cursos de formação, e sua atuação deve transpor os limites da sala de aula. Foram criados, então, programas especiais, alguns desenvolvidos paralelamente às atividades dos cursos, outros em oficinas e períodos independentes.

Portanto, compõem o Projeto Educação Ticuna programas voltados para a formação dos professores indígenas, para as áreas de saúde e meio ambiente, direitos indígenas e cidadania, arte e cultura, lingüística, gestão escolar, produção de materiais didáticos, acompanhamento das escolas, construção da proposta curricular e do projeto político-pedagógico das escolas ticunas.

Cursos de formação

O Programa de Formação de Professores Indígenas foi desenvolvido em três fases. Na primeira e segunda fases realizaram-se os cursos nos níveis fundamental e médio, ministrados em módulos, no período das férias escolares. O curso de ensino fundamental desenvolveu-se em sete etapas, duas vezes ao ano, cumprindo um total de 1.600 horas de ensino presencial e 120 horas de estágio. O ensino médio foi realizado no mesmo sistema, em 8 etapas, com 2.400 horas-aula e 300 horas de estágio. O período de cada etapa variou de 30 a 40 dias.

Para que todos professores pudessem acompanhar o curso, em 1993 a OGPTB construiu o Centro de Formação de Professores

Ticunas Torü Nguépataü, na aldeia de Filadélfia, situada no município de Benjamin Constant (AM).

A terceira fase do programa de formação foi composta por três módulos que incluíram cursos destinados à recuperação de alunos, formação continuada para os que já haviam concluído o ensino médio, aperfeiçoamento em educação indígena daqueles que estudaram ou estudam em escolas da cidade e continuação dos cursos de ensino fundamental e médio. Esses três cursos atingiram um total de 732 horas-aula.

Atualmente há 378 alunos matriculados nos diferentes níveis e modalidades de cursos. Do total de alunos matriculados, 270 estão em sala de aula ou desenvolvendo outras atividades na área da educação (direção de escola e supervisão) e 108 prepararam-se para o exercício do magistério.

A necessidade de novos professores índios decorre não somente do aumento da população de alunos, mas também em virtude de um importante e incansável movimento dos professores para substituir os docentes não-índios que ainda atuam em algumas escolas, especialmente nas turmas de 5^a a 8^a série. Por isso, atualmente, a meta de muitos professores ticunas é o ensino superior.

Os cursos de ensino fundamental e médio tiveram igual conjunto de disciplinas, distribuídas nas “grades” da seguinte maneira: no chamado “núcleo comum” estavam reunidas as disciplinas de Língua Ticuna e Literatura, Língua Portuguesa e Literatura, Língua Estrangeira (espanhol), Matemática, História, Geografia, Biologia, Física, Química, Arte e Educação Física; a “parte diversificada” foi composta pelas didáticas de cada uma das áreas e, ainda, Didática Geral, História da Educação e História da Educação Indígena, Antropologia e Sociologia da Educação, Psicologia da Aprendizagem, Filosofia da Educação, Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1^o Grau na Escola Indígena. Esse extenso elenco de disciplinas a serem cumpridas por determinação do CEE-AM foi um desafio para os consultores que ministraram as aulas e para a coordenação pedagógica. Foram necessários ajustes internos, como, por exemplo,

trabalhar os conteúdos das disciplinas do núcleo comum junto com suas respectivas didáticas.

O que ajudou muito na integração das disciplinas em cada etapa foram os temas sugeridos pelos programas especiais de saúde, meio ambiente, direitos indígenas e, também, os assuntos dos livros e de outros materiais didáticos elaborados durante os cursos. Essa integração surgiu da própria motivação dos professores pelos temas, exigindo dos consultores muita flexibilidade no planejamento de suas aulas e competência na adequação dos conteúdos. Embora houvesse linhas gerais de orientação, o programa curricular dos cursos era construído, em cada etapa, em função das propostas dos professores ou das dificuldades observadas nas avaliações, com a preocupação de estabelecer uma continuidade entre uma etapa e outra. Tratando-se de um curso modular, com intervalos de quatro a cinco meses, havia necessidade de retomar os conteúdos ministrados na etapa anterior, discutir os trabalhos e pesquisas desenvolvidos nos períodos intermediários e, principalmente, levantar as dificuldades e avanços relativos à prática do professor em sala de aula. Esses e outros procedimentos contribuíram para imprimir nos cursos um caráter flexível e participativo, estabelecendo-se, ao mesmo tempo, uma interação altamente profícua entre a formação do professor e sua prática. Nesse sentido, foi muito importante a contribuição dos consultores, que, além de competentes em suas áreas específicas, possuíam uma experiência muito particular e enriquecedora nos aspectos pedagógicos, alguns por atuarem em instituições de ensino e pesquisa dedicadas a projetos educacionais inovadores, outros pela experiência na formação de professores tanto do ensino regular quanto de projetos especiais de educação indígena.

O programa curricular e a metodologia dos cursos orientaram-se na direção de oferecer aos professores os instrumentos necessários que lhes permitiriam identificar problemas e buscar soluções criativas e inovadoras, fortalecendo-se nos aspectos políticos e pedagógicos para poder reinterpretar e atualizar, permanentemente, as funções da sua escola.

A produção de materiais didáticos acompanhou o processo de formação dos professores. Livros, apostilas, cartazes, jogos e outros foram preparados durante os cursos, em oficinas ou nas próprias escolas. Os livros resultaram de um minucioso trabalho de pesquisa, onde as pessoas mais idosas, conhecedoras da tradição, tiveram um papel muito importante junto aos professores, auxiliando-os na definição dos temas, orientando suas ilustrações, contando histórias, colaborando com informações detalhadas, enfim, ampliando os conhecimentos dos professores com relação à sua cultura e a outros tantos assuntos. Uma parte dessa produção já foi publicada (ver o tópico “Referências bibliográficas” ao final deste artigo) e outra ainda está passando por revisões e acertos, como o dicionário da língua ticuna, os livros de Matemática, Geografia, Educação Ambiental, um livro sobre os peixes, outro sobre os insetos, além de uma série de livros dedicados à mitologia e canções ticunas.

“A floresta é a coberta da terra”. Esta frase abre poeticamente *O livro das árvores*. Elaborado pelos professores ticunas, durante várias etapas do Curso de Formação, *O livro das árvores* tem percorrido os mais diferentes e insuspeitados caminhos. Além de seu uso no Curso e nas escolas ticunas para o desenvolvimento de inúmeras atividades – nas áreas de Ciências, Matemática, Ecologia, Língua Portuguesa, Arte, Geografia –, o livro vem sendo adotado em diversas escolas indígenas do País e também nas escolas dos não-indígenas. Tem participado de feiras de livros nacionais e internacionais e integrado o acervo de inúmeras bibliotecas do Brasil e de outros países. O livro também fez parte do *kit* de materiais didáticos preparado em 1998 pela Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação (MEC) para ser distribuído, junto com o *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas*, a todas as escolas indígenas do País. Em 1999, esse livro veio compor uma coleção de 110 obras de literatura infantil, que o MEC adquiriu com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação para ser entregue a 36 mil escolas públicas.

Alguns desses materiais, como os livros *Werigü arü ae* (*Canto dos pássaros*) e *Cururugü tchiga* (*Histórias de sapos*), foram

preparados por iniciativa de contadores de histórias envolvidos no projeto e preocupados em transmitir aos alunos das escolas seus conhecimentos. No texto de apresentação do livro sobre os pássaros, o narrador, Getúlio Nino Ataíde, deixa isso claro quando diz: “Enquanto estou vivo, quero passar para as crianças as histórias que aprendi com meu pai e com meus avós. Quero que as crianças fiquem com esse saber e nunca esqueçam a nossa língua”.

Cumprido destacar ainda, que os cursos contaram com a presença de especialistas ticunas, conhecedores da cultura e da história e que também acumularam um vasto conhecimento da natureza. Essas pessoas, em geral de idade mais avançada, estavam seguidamente nas salas de aula, atuando ao lado dos demais consultores e desempenhando um papel sumamente importante na discussão de várias questões, ambientais ou de saúde, na valorização da história e da cultura ticunas e de outros saberes.

No período intermediário dos cursos, os professores desenvolveram diversas pesquisas e trabalhos relacionados com os temas articuladores das etapas. Também elaboraram planejamentos, diários de sala de aula e outros registros. Esses materiais, em conjunto com os trabalhos produzidos pelos alunos das escolas, trouxeram subsídios importantes para as orientações curriculares e metodológicas dos cursos, para a formulação do Programa Curricular das Escolas Ticunas e preparação de materiais didáticos.

Uma questão que vale ser considerada aqui, por ter representado um desafio em termos pedagógicos, diz respeito à forte influência dos modelos tradicionais de ensino que permeavam a prática dos professores ticunas, não apenas com referência aos conteúdos, mas também quanto à metodologia e sistemas de avaliação. A escolarização inicial dos professores realizou-se nesses moldes, seja na aldeia ou na cidade. Por outro lado, os professores costumavam participar de cursos intensivos, raramente promovidos pelas prefeituras municipais ou pelo Estado, mas, por se tratarem de iniciativas oficiais, adquiriam uma legitimidade considerável. Esses cursos representavam um retrocesso na sua formação, pois difundiam metodologias e práticas arcaicas e estereotipadas.

Paralelamente, os professores sofriam as interferências do próprio modelo de educação adotado nas escolas da região e, ainda, dos livros didáticos vindos de fora. Foi preciso algum tempo para que se esboçasse alguma mudança nesse sentido.

Além do perseverante trabalho dos consultores e da coordenação pedagógica no sentido de tentar transformar esse modelo, criando espaços que favoreciam a crítica e a análise da questão, uma providência que colaborou substancialmente no processo de mudança de postura dos professores foi o estudo da legislação referente à educação escolar indígena, terra, saúde, meio ambiente e educação em geral. Para apoiar esses estudos, foi preparada uma apostila intitulada *Direitos indígenas e cidadania*, contendo diversos documentos (leis, resoluções, decretos) das esferas federal, estadual e regional. Não há dúvida de que o *Referencial curricular nacional para as escolas indígenas* (publicado pelo MEC, em 1998) também teve um importante papel nesse processo, tanto por suas orientações – onde os professores podiam identificar os temas e procedimentos já vistos nos cursos – quanto por se tratar igualmente de um documento oficial. Portanto, o estudo desses documentos, além dos aspectos políticos, trouxe mudanças também na prática pedagógica dos professores, conferindo maior legitimidade ao curso e às propostas metodológicas aí desenvolvidas.

Em vista das dificuldades acima apontadas, foram também propostos trabalhos especiais dedicados principalmente às áreas de alfabetização e didática, sobre os quais daremos algumas informações a seguir.

A questão da alfabetização, do planejamento e da proposta curricular

Os cursos de alfabetização realizaram-se ao longo de seis etapas, totalizando 192 horas. Durante esse período, os professores foram, aos poucos, desvinculando-se de certos procedimentos ultrapassados – como o uso e repetição de famílias silábicas – e superando

suas dificuldades através do contato com outras orientações e idéias, baseadas nas teorias mais atuais de construção da escrita. Os caminhos propostos para trabalhar a alfabetização partiam de canções, histórias, diversos jogos e brincadeiras, enfatizando-se para os professores a importância de observar o nível de domínio da escrita de seus alunos, estar atento aos seus progressos e dificuldades, usar recursos variados (desenho, pintura, dobraduras, modelagem, teatro) e, principalmente, despertar o interesse dos alunos, a alegria, a imaginação. Como textos de apoio, em vez da cartilha, foram organizados dois livros na língua ticuna: *Werigü arü ae (Canto dos pássaros)* e *Cururugü tchiga (Histórias de sapos)*. Esses livros constituíram um riquíssimo material para trabalhar a escrita, e também a oralidade, abrindo caminhos para outras descobertas, de temas e atividades. Cumpre destacar, ainda, que foi produzida uma fita de áudio, contendo o canto de cada pássaro e as histórias narradas por Getúlio Nino Ataíde, exímio conhecedor da natureza e da tradição ticuna. O aspecto sonoro é muito importante para os Ticuna, e a escolha dos temas *pássaros* e *sapos* não foi gratuita. Cada história traz a “voz” desses animais, cujos sons são reproduzidos com muita alegria e humor pelos professores e alunos.

Os textos apresentados abaixo dão uma idéia muito clara dos graves problemas enfrentados pelos Ticuna na escola em tempos anteriores – tempos de opressão e humilhações, uma escola punitiva e autoritária. Esses textos foram escritos durante uma aula em que estavam sendo discutidas as idéias de Paulo Freire sobre educação, e a proposta era que os professores escrevessem sobre seu próprio processo de alfabetização, comparando com a situação de hoje.

Eu fui alfabetizado numa escola comandada pelos militares em Umariáçu. Recebia castigo com palmatória para aprender e para não falar a língua materna. Meu professor era civilizado, aprendi a ler e escrever em português (língua nacional) (...) Hoje eu gosto de aprender como alfabetizar um ser humano (Clóves Mariano Fernandes).

Eu fui alfabetizada na escola dos brancos, com muito sacrifício porque naquela época tinha castigo quando a gente não

sabia a lição. Ficava de joelhos ou tinha a orelha puxada. Com medo, eu estudei muito e aprendi a ler e escrever. Comecei a estudar o “ABC” e terminei o ano com a cartilha. Agora, eu alfabetizo meus alunos de outra forma. Com carinho, brincadeiras, cantos e parlendas. Não existe mais castigo. Assim, também, as crianças aprendem rápido, fazendo pesquisas, desenhando. Este é um bom ensino e um bom trabalho para cada educador (Iracly Fernandes de Araújo).

Para me alfabetizar não foi fácil. Eu não falava a língua portuguesa e só iniciei a fazer rabiscos quando cheguei na sala de aula. Não entendia as explicações do professor, *mas com meu esforço* e com a insistência, consegui me alfabetizar. Eu não tinha liberdade para falar. Se eu falasse, ficava logo de castigo. Hoje a alfabetização não é mais como antigamente. As crianças têm bastante liberdade: falam, brincam, contam histórias, fazem perguntas e não recebem mais castigos como antes (Valdino Moçambique Martins).

Em relação à área de didática, além do que já vinha sendo trabalhado pelos consultores de cada disciplina, foi preciso destinar um tempo maior e específico para tratar das dificuldades, dúvidas e inseguranças ainda apresentadas pelos professores.

Uma das providências nesse sentido foi propor, inicialmente, atividades que envolviam as idéias de *movimento* e *transformação*, usando o corpo, a música, o desenho, e promovendo uma série de discussões sobre o assunto. As palavras do professor Raimundo Fidelis Manuel dão conta de sintetizar o sentido dessa proposta: “A cada ano há um movimento em mim. Quando não há movimento, não há formação. O movimento da minha formação, no nosso curso, isso é a transformação da escola”.

No curso seguinte, os professores tiveram oportunidade de refletir sobre questões mais específicas da didática, tendo como referência as histórias do livro *As mil e uma noites*. Centrando-se na relação didática que se estabelecia entre Xerazade e o rei Xariar, e valendo-se também de outro plano de referência que não o escolarizado, foi possível discutir alguns conceitos que

apontavam para “uma didática de formação e não de informação; uma didática que possibilitava a construção de uma ética e não de um moralismo” (Gruber, 2001), procurando integrar aprendizagem, ensino, cultura e educação.

Por influência dos modelos tradicionais, o planejamento das aulas, por exemplo, constituía-se ainda um sério problema. Partindo da organização de um livro sobre brincadeiras ticunas e de jogos envolvendo a Matemática, foram discutidas, nos cursos que se seguiram, diversas questões relativas ao planejamento: uso do tempo, do espaço, a maneira de seqüenciar as atividades, a flexibilidade do planejamento, a organização do trabalho com classes multisseriadas, e assim por diante. Foi definida, junto com os professores, uma terminologia para os tantos itens que compõem o planejamento escolar, passando a ser adotada pelos demais consultores do projeto.

Usando o brinqueado ticuna como tema, os professores também aprenderam a organizar *projetos de trabalho*, configurando-se, assim, o início de uma mudança importante na sua prática pedagógica, onde ainda predominava o ensino por disciplinas. Os projetos de trabalho deveriam abordar assuntos do interesse dos alunos, discutidos com eles, envolvendo de alguma maneira a comunidade e tratando de questões já identificadas

como importantes: saúde, meio ambiente, arte, cultura, língua ticuna, entre outras.

A idéia central desses cursos de didática foi fazer com que os diferentes instrumentos necessários à organização do trabalho escolar atuassem a favor dos professores. Para ajudá-los na sistematização desse trabalho, foram preparados dois cadernos de planejamento com espaços para serem preenchidos durante o ano letivo: plano anual, plano bimestral, rotina semanal, plano de aula, reuniões pedagógicas e outras atividades da escola.

Uma outra atividade importante foi a organização do planejamento a partir da Proposta Curricular das Escolas Ticunas, que teve sua primeira versão concluída em janeiro de 2002.

Abrindo um parêntese, cabe observar que essa Proposta foi organizada durante as últimas etapas do curso, envolvendo os professores e os consultores, que, juntos, trabalharam os temas, conteúdos, objetivos e orientações didáticas. Trata-

se de uma primeira versão que já está sendo novamente discutida pelos professores e consultores, assim como por seus alunos e comunidades. Os professores estão conscientes de que um programa curricular deve estar em permanente movimento de atualização, em vista das mudanças que vão ocorrendo em sua prática de sala de

Premiações e destaques

O livro das árvores

Prêmio Melhor Livro Informativo

Prêmio Melhor Projeto Editorial

Conferidos pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 1997.

Programa Saúde na Escola

Menção Honrosa no IV Congresso Brasileiro de Epidemiologia

(Epirio-98), promovido pela Associação Brasileira de Pós-

Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco). Rio de Janeiro, 1998.

Projeto Educação Ticuna

Prêmio Destaque do Programa Gestão Pública e Cidadania.

Conferido pela Fundação Getúlio Vargas e Fundação Ford, em 2000.

O livro das árvores

Segundo Lugar no Concurso de Projetos “Experiência Viva”, promovido pelo Fundo In-

ternacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), Programa Regional de Apoio aos Povos

Indígenas da Bacia do Amazonas (Praia), Corporação Andina de Fomento (CAF), Procasur

e Progênero. O evento aconteceu na cidade de Iquitos, Peru, em agosto de 2001.

aula, na sua própria formação, assim como na vida de suas comunidades. De toda a forma, a Proposta Curricular constituiu-se um importante documento no processo de construção da autonomia e da identidade da escola ticuna, bem como na organização do trabalho escolar. A proposta curricular deverá fazer parte do Projeto Político-Pedagógico das Escolas Ticunas, já em processo de andamento.

Voltando à questão do planejamento, um grande desafio para os professores foi integrar os conteúdos e as disciplinas da Proposta Curricular. Elegendo um dos temas da área de Ciências, os professores desenvolveram diversos exercícios, individuais ou coletivos, que consistia em agrupar os conteúdos das várias disciplinas em função das suas afinidades com o tema escolhido. Esse procedimento, aparentemente complexo, não representou de fato um sério problema para os professores, em virtude de uma já constatada facilidade de relacionar conhecimentos e, também, por conta de sua grande capacidade criativa. Outros aspectos do planejamento podem ainda não estar plenamente resolvidos, pois se trata de um longo processo, mas a reação altamente positiva dos professores, mais confiantes e tranquilos, nos fez entender que o caminho estava aberto.

A formação em didática geral abrangeu quatro etapas de curso, num total de 246 horas-aula.

Arte: uma janela poderosa

Os Ticuna possuem uma profunda ligação com a arte, que se apresenta nos diversos momentos da sua vida cotidiana ou ritual, especialmente na pintura, escultura, música e literatura. A arte ticuna, nas suas várias formas de manifestação – sejam as produções de caráter mais tradicional, as inovações ou a arte em papel –, tem sido um importante instrumento de resistência étnica e expressão de identidade.

Tratando-se de uma referência central na cultura ticuna, a arte teve uma função decisiva no processo de formação dos professores. Constituiu-se como uma disciplina e permeou as demais áreas

do conhecimento, bem como os programas especiais de saúde, meio ambiente e outros.

As atividades da disciplina de Arte voltaram-se basicamente para as artes plásticas e a música. O teatro, a dança e a literatura foram trabalhados como parte dos conteúdos de outras disciplinas: Educação Física, Língua Portuguesa, Língua Ticuna, Geografia e História.

Em linhas gerais, o programa de artes plásticas abrangeu: o estudo das diferentes expressões artísticas ticunas; a história da arte universal; o desenvolvimento de várias técnicas de pintura, desenho, modelagem, escultura, colagem, gravura, entre outras; o estudo das cores. Os professores tiveram oportunidade de explorar uma gama vastíssima de materiais, como argilas, tintas e pigmentos naturais, folhas, madeiras, sementes, frutos, fibras, etc., assim como materiais industrializados dos mais diferentes tipos. Os trabalhos eram propostos de maneira que os professores pudessem obter bons resultados artísticos e estéticos, sentirem-se capazes e felizes.

Uma parte dos estudos sobre a cultura material foram feitos a partir da demonstração, por artistas ticunas, do processo de fabricação de algumas categorias de objetos. Os professores acompanharam todo o processo, aprendendo métodos de registro e documentação, para que possam desenvolver pesquisas sobre sua própria cultura, organizar as informações e divulgá-las.

Foram vistos, no decorrer das diversas atividades, os princípios da linguagem visual, como equilíbrio, contraste, linha, cor, textura, volume, luminosidade, entre outros. Ampliando-se as discussões, foram estudadas as relações entre arte e identidade, arte e pluralidade cultural, e os aspectos políticos e éticos que envolvem a valorização e defesa do patrimônio artístico e cultural.

Considerou-se, muito especialmente, a importância da arte no desenvolvimento de capacidades – como observação, percepção, reflexão, criação, imaginação, memória, análise, crítica, entre outras – fundamentais ao processo de ensino e aprendizagem, assim como suas relações com o sentimento e a emoção, com os aspectos lúdicos e prazerosos.

No campo da música, os professores tiveram oportunidade de estudar os elementos que compõem a linguagem musical, como forma, ritmo, pulsação, altura, intensidade e duração; realizar trabalhos de composição de canções, criando grafias próprias; conhecer instrumentos e músicas de outras culturas e o funcionamento de uma orquestra sinfônica; interpretar músicas de outros povos, do folclore brasileiro e de concerto (em até três vozes).

Os trabalhos de criação musical foram desenvolvidos a partir dos livros preparados para as escolas. Foram feitas diversas atividades envolvendo as canções e os instrumentos musicais tradicionais, com a participação de cantores ticunas. Jogos, *performances*, brincadeiras e organização de corais também fizeram parte das aulas de educação musical. As atividades dessas aulas foram conduzidas de modo que, ao final de cada etapa, os professores, em grupos ou no seu conjunto, apresentassem os resultados de seus trabalhos em um grande (e belíssimo) concerto.

É importante salientar aqui que os cursos de arte foram ministrados por consultores com formação e larga experiência em artes plásticas ou em música.

Em cada curso foram organizadas exposições que contribuíram para ampliar o universo visual dos professores e apoiar suas reflexões sobre a arte. Lembrando alguns temas: arte plumária e outras artes dos índios brasileiros, pinturas e adornos corporais na África, América do Norte e Oceania, esculturas Inuit, arquitetura do período da borracha em Manaus, arte brasileira e arquitetura barroca, arte universal – da pintura rupestre ao século 20 –, fotografias e desenhos de crianças de várias escolas.

Os textos abaixo expressam, com mais propriedade, as idéias sobre arte construídas pelos professores a partir dos cursos de arte e as relações que se estabeleceram entre essas idéias, a sua própria formação e a escola.

A arte é como uma janela poderosa que nos atrai; e junta a beleza da pessoa com o mundo (Lauro Mendes Gabriel).

A arte tem o poder de extrair do pensamento cada coisa. As imagens significam para o povo a sombra de sua sabedoria (Raimundo Leopardo Ferreira).

A nossa arte começou quando Yo'i, Ipi e suas irmãs saíram do joelho de Ngutapa. Cada um saltou do joelho trazendo os objetos que fizeram: flecha, bolsa, cesto... (Rita Bonifácio Navas).

A arte faz parte da nossa vida, da nossa cultura. Por isso a arte cabe a cada ser humano (Manoel Tenazor).

A arte ajuda a lembrar a cultura (Damião Carvalho Neto).

É importante fazer arte. O desenho ajuda a relembrar as coisas que já desapareceram. Quando a gente olha um desenho, uma figura feita de argila, esse desenho ou essa figura explica por ela mesma que alguém passou por ali, que alguém fez aquilo (Reinaldo Otaviano do Carmo).

A arte ajuda a desenvolver o pensamento criando (Francisco R. Araújo).

A arte já faz parte da vida das crianças. Muitas crianças que ainda não estão estudando desenham no chão, com um pauzinho, ou na parede das casas, com carvão. Antigamente quando os Ticunas ainda não tinham escola já eram artistas, porque faziam remos e cestos, potes, máscaras e tantos outros objetos (Ondino Casemiro).

A arte na escola é importante para as crianças conhecerem o valor de sua cultura (Geremias R. Ferreira).

Quando o professor está trabalhando com arte ele pode ensinar Português, Matemática, Ciências, Geografia... O professor tem que ensinar devagar, onde todos possam imaginar quais são os momentos, os passos de cada coisa (Nazaré Macedo Tenazor).

A arte serve para movimentar as mãos das crianças (Rainha C. Firmino).

A arte ajuda as crianças a comparar os tamanhos, as cores diferentes. Então a criança vai desenhando, observando, criando a memória (Rafael Aiambo).

A arte ajuda a relacionar as coisas difíceis. Com a arte, o professor leva a vida de um aluno para um caminho novo, para ver a importância do nosso mundo (Valdomiro da Silva).

A música chama o que está dentro do coração das pessoas. As crianças ficam alegres quando cantam, quando ouvem música bonita (Nilda André Alonso).

A arte transforma a experiência do professor. Transforma, também, a experiência de cada aluno (Claudionor Vitor Macário).

Oficinas para professores-artistas

A partir de março de 1999, foi iniciado um outro tipo de trabalho com arte envolvendo um grupo de professores com mais talento para o desenho e a pintura. As primeiras oficinas destinaram-se à elaboração de uma parte das ilustrações para um livro sobre os peixes e à produção de um conjunto de pinturas que seriam selecionadas para o Calendário Burti 2000.⁶

As orientações dessas oficinas buscam abrir espaço para que os artistas possam aprimorar sua técnica e estilo, a capacidade

⁶ Por ocasião do lançamento do Calendário Burti, seis artistas viajaram a São Paulo, onde tiveram oportunidade de visitar o Memorial da América Latina e a Pinacoteca de São Paulo.

crítica, em suma, estabelecer uma sintonia mais apurada com todos os aspectos que envolvem a experiência artística e estética.

Utilizando materiais, tintas e papéis de boa qualidade, os artistas a cada dia aperfeiçoam mais seus trabalhos, tornando-se exigentes e meticolosos quanto à técnica, composição, distribuição das cores, acabamento.

A idéia é que essas oficinas sirvam de incentivo para muitos e que os professores-artistas que formam essa vanguarda sejam os mestres de outros tantos, constituindo-se referência e orientação para crianças e jovens. Vale lembrar que dois jovens aprendizes das oficinas ilustraram o livro sobre os pássaros: *Werigü arü ae*. Os artistas vêm se especializando também na ilustração de livros e produção de cartazes.

As pinturas produzidas nesses encontros têm participado de exposições importantes, como a Mostra do Redescobrimiento, no Parque do Ibirapuera (São Paulo) e no Museu de Arte Moderna (Rio de Janeiro), e uma mostra sobre arte indígena brasileira, apresentada na Galeria Cândido Portinari (Embaixada do Brasil), em Roma, entre outros locais.

A importância desse trabalho pode ser apreendida no depoimento de João Clemente Gaspar, artista e professor:

Nesse desenho estou pensando na floresta, estou lembrando que ela é colorida, bonita. Quando caminho pela mata, vejo que as cores são diferentes, não são iguais. Quando estou pintando fico imaginando, é como se estivesse dentro da floresta (...) Tenho um sentimento de alegria quando estou pintando. Lembro das folhas das árvores, fico imaginando... Esse movimento do pensamento é que traz mais formas e cores diferentes. O pensamento não pára quando estou pintando (...) Cada desenho é diferente. Cada dia a gente pensa de uma maneira, por isso cada dia o desenho é diferente. A nossa idade também avança, e nosso saber também avança mais (...) A pintura representa que eu estou vivo. Depois da minha morte fica essa lembrança para as crianças, e assim elas podem saber o que eu penso, o que eu sinto enquanto estou vivo.

Histórias e canções ticunas

Um grupo de professores e narradores tem se dedicado ao levantamento e registro de histórias da tradição oral e canções ticunas, com o objetivo de compor uma série de livros destinados às escolas e comunidades.

O grupo reúne-se periodicamente para discutir a metodologia de trabalho, sistematizar os dados e organizar as novas etapas. É um trabalho extremamente minucioso que tem exigido muita dedicação e paciência, muitas consultas e troca de informações.

As ilustrações das histórias estão sendo elaboradas com acompanhamento dos narradores, que definem junto com os desenhistas os trechos a serem ilustrados e orientam-nos sobre o modo de representar um determinado personagem, um lugar, um objeto.

Cumprir lembrar aqui que esse projeto de pesquisa iniciou-se com Ernesto Santiago, de 82 anos, reconhecido contador de histórias, que um dia manifestou o desejo de deixar registradas as histórias que conhecia, por sentir que estava no fim de sua vida. Sua filha, professora e aluna do Curso, encarregou-se de gravar e transcrever as histórias na língua ticuna. Depois de quase dois anos de trabalho Ernesto faleceu, mas deixou para as novas gerações uma inestimável herança.

Educação e meio ambiente

A questão ambiental tem um espaço importante no Projeto Educação Ticuna. Foi um tema amplamente tratado nos cursos de formação e hoje compõe um programa especial.

A organização de *O livro das árvores*, que se deu já no começo do curso, possibilitou uma série de atividades e discussões sobre esse tema. Após sua publicação, o livro passou a ser usado nos cursos e nas escolas ticunas de diversas maneiras, em diferentes contextos, motivando a produção de outros materiais didáticos. Foram preparados, por exemplo, dois cartazes sobre meio

ambiente, distribuídos para todas as famílias através de eventos especiais de lançamento, abrindo discussões nas comunidades sobre os problemas ambientais.

Outros livros também foram elaborados: dos peixes, dos pássaros, sapos e insetos. Como já foi visto, os livros sobre os pássaros e sapos são utilizados no processo de alfabetização e nas outras séries iniciais. Dessa forma, as crianças podem interagir com temas referentes à natureza e com os conhecimentos ticunas sobre a fauna e a flora desde o início de sua escolarização.

Ao lado dessas atividades, o Programa de Educação e Meio Ambiente deu início, em 2002, ao Projeto Educação Ambiental e Uso Sustentável da Várzea em Áreas Indígenas Ticuna do Alto Solimões, desenvolvido com apoio do ProVárzea/Ministério do Meio Ambiente/Ibama/PPG7. Esse Projeto tem como objetivos formar um grupo de gestores ambientais entre os professores, encarregado de implantar e manter um programa permanente de educação ambiental nas escolas e comunidades ticunas; dar continuidade à organização do *Livro de educação ambiental*, iniciado em 1999; estender a experiência às escolas públicas da região.

Saúde na escola

Como as doenças se transmitem? O que fazer para evitá-las? Como melhorar a saúde da comunidade? Quais as relações entre saúde e meio ambiente? Como funciona meu corpo? Como posso cuidar melhor dos meus dentes? Estas e outras perguntas transformaram-se nos temas do Programa Saúde na Escola, iniciado em 1997 a partir de uma oficina para discutir e preparar um projeto sobre prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e Aids.

O projeto "Prevenção das DST/Aids nas Escolas Ticuna" foi aprovado em 1998 pela Coordenação Nacional de DST/Aids, do Ministério da Saúde, e suas atividades passaram a integrar o currículo do Curso de Formação de Professores, como parte da disciplina de Biologia e como tema de outras disciplinas. Foi desenvolvido

em duas fases, num total de 130 horas. Ao lado dos conteúdos relativos às doenças sexualmente transmissíveis e a Aids, os professores tiveram noções de biologia e estudaram a prevenção das doenças mais comuns na região. Em conjunto com a equipe de consultores, os professores prepararam *O guia de saúde: doenças sexualmente transmissíveis e Aids* (mimeografado) e o cartaz *Vamos evitar a Aids*, lançado em todas as aldeias.

Entre 1998 e 2002 foram realizadas cinco oficinas do projeto de saúde bucal, num total de 200 horas, envolvendo todos os professores. Os estudos e pesquisas desenvolvidos nessas oficinas prepararam os professores para trabalhar a prevenção das doenças bucais, em sala de aula e na comunidade. Os cuidados com os dentes passaram a fazer parte da rotina escolar, e em cada semestre é realizada uma campanha de escovação e aplicação de flúor. No desenvolvimento dessas atividades são utilizados diferentes recursos didáticos, destacando-se aqui *O livro de saúde bucal* e cartazes. O livro foi preparado pelos professores, sob a orientação de profissionais das áreas de odontologia e educação, com a finalidade de contribuir para a autonomia dos Ticuna em relação aos cuidados com a sua saúde. A saúde bucal não é apresentada no livro como um tema isolado, mas são consideradas as suas relações com outros aspectos fundamentais à promoção da saúde em geral, tais como: a conservação dos recursos naturais, a defesa da terra, a produção de alimentos, as mudanças nos hábitos alimentares. Os cartazes sobre o assunto foram lançados pelos professores em todas as comunidades e distribuídos para cada família.

Em janeiro de 2000, o Programa Saúde na Escola trouxe para o Curso outro assunto importante: a saúde dos olhos. Em face das inúmeras queixas de problemas de visão apresentadas pelos professores, 187 docentes foram examinados por dois oftalmologistas contratados pela OGPTB. Os médicos também ministraram aulas para os professores, ensinando técnicas simples de medir a acuidade visual dos alunos, informando-os sobre as doenças mais comuns que atingem os olhos e os procedimentos preventivos.

Acompanhamento dos professores

Durante o período dos cursos, o acompanhamento dos professores foi feito por uma equipe de 18 supervisores ticunas, escolhidos pelos professores de cada município. A capacitação dos professores/supervisores realizou-se em quatro oficinas, num total de 140 horas.

As funções do supervisor ticuna foram discutidas com todos os professores antes da primeira oficina. Era importante redimensionar o papel da chamada “supervisão escolar”, através da construção de novos parâmetros que questionavam as idéias da supervisão como “fiscalização” e “controle” do trabalho do professor.

As orientações das oficinas encaminharam-se no sentido de formar um grupo de supervisores preparados para acompanhar o professor e refletir sobre a prática política e pedagógica da escola – compreendendo-se aí seus direitos, autonomia, relações com a comunidade, relações com as propostas desenvolvidas nos cursos de formação, entre outros. As orientações nortearam-se, também, pelos detalhados relatos dos supervisores, apresentados após cada período de trabalho.

Algumas palavras finais

O Projeto Educação Ticuna vem reunindo, desde 1993 e duas vezes ao ano, de 200 a 350 professores, que se deslocam de suas distantes aldeias e encontram-se na “Casa de Estudos” (Torü Nguépataü) para uma tarefa comum. Por trinta dias os professores estão ali, juntos, nas aulas de Matemática, nas aulas de Arte, nas aulas de Geografia, nas longas assembléias e reuniões, na hora das refeições, nos jogos de futebol, nas conversas à noite. Talvez aí esteja a “diferença”. O projeto da OGPTB é uma iniciativa que se construiu de forma mais independente, por se tratar (talvez) de uma organização indígena ou por se constituir (talvez) de muitas pessoas, muitos pensamentos e fortes vontades. Um projeto dessa ordem

pode levar a resultados menos uniformizadores e mais eficazes, tanto nos aspectos pedagógicos quanto políticos (especialmente), possibilitando que as tantas “casas de estudos”, que se multiplicam a cada ano pelo Solimões afora, possam se construir como um “lugar de reflexão crítica e espaço de exercício e de construção da autonomia indígena”, repetindo as palavras de Aracy Lopes da Silva.

Referências bibliográficas

- DEHEINZELIN, Monique. O dia da criação. In: _____. *Trilha*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 67-116.
- GRUBER, Jussara G. As extensões do olhar: a arte na formação dos professores ticuna. *Em Aberto*, Brasília, v. 14, n. 63, p.122-136, jul./set. 1994.

GRUBER, Jussara G.; DEHEINZELIN, Monique. Ticunas: os professores que vieram de longe. *Pátio: Revista Pedagógica*, Porto Alegre, v. 5, n. 18, p. 40-44, 2001.

ORGANIZAÇÃO GERAL DOS PROFESSORES TICUNA BILÍNGÜES. *Cururugü tchiga*. Brasília: MEC/FNDE; Benjamin Constant: OGPTB, 2002a.

_____. *Livro de saúde bucal*. Brasília: MEC/FNDE; Benjamin Constant: OGPTB, 2002b.

_____. *O livro das árvores*. Benjamin Constant: OGPTB, 1997.

_____. *Werigü arü ae*. Brasília: MEC/FNDE; Benjamin Constant: OGPTB, 2002c.